

A medicina ilustrada e sua recepção pelos médicos que atuavam no Brasil do século XIX

The illustrated medicine and its reception by the physicians who work in nineteenth-century Brazil

Alisson Eugênio*

Resumo

Nos séculos XVII e XIX o saber médico passou por notáveis transformações em resposta, entre outras questões, ao antropocentrismo que, na Era das Luzes, expressou-se no aumento dos esforços intelectuais para tornar o conhecimento um instrumento capaz de contribuir para melhorar a vida humana. Neste artigo será analisado como isso ocorreu e, principalmente, como a elite médica que atuou no Brasil, após a vinda da família real para o Rio de Janeiro, assimilou as mudanças que vinham ocorrendo na medicina e procurou colocá-las em prática no país.

Palavras-chave

Saber médico. Reforma. Saúde pública.

Abstract

In the seventeenth and nineteenth medical knowledge has undergone remarkable transformations in response, among other things, to anthropocentrism that, in the Age of Enlightenment, expressed in the increase of intellectual efforts to make knowledge a capable tool to help improve the human life. This paper will analyze how this happened, and especially as the medical elite who served in Brazil, after the arrival of the royal family to Rio de Janeiro, assimilated the changes that were occurring in medicine and tried to put them into practice in the country.

Keywords

Medical knowledge. Reform. Public heal.

* Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (1996), mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000), doutor em história econômica pela Universidade de São Paulo (2008) e pós-doutor pela UFMG (2010). Professor Adjunto da Universidade Federal de Alfenas.

As propriedades medicinais não são virtudes ocultas, mas conseqüências que resultam das suas propriedades. (Estatutos da Universidade de Coimbra, 1772)¹

Até o século XVII, quando ocorreram na Europa alguns importantes avanços científicos, entre os quais a aprimorada descrição do sistema circulatório elaborada pelo médico inglês Willian Harvey (1578-1657), a medicina pouco havia evoluído em relação à Antiguidade, devido, principalmente, ao controle exercido pela Igreja Católica à produção intelectual. A partir de então, esse campo de conhecimento começou a progredir, graças ao impulso ao estudo de anatomia em cadáveres, decorrente do referido aprimoramento e, ao mesmo tempo, da paulatina diminuição da influência eclesiástica sobre a ciência após a Reforma, ao ponto de converter-se em um dos principais e mais estratégicos saberes do mundo moderno.



Imagem 1: *A lição de anatomia*, de Rembrandt (1632)

Isso porque, junto com esses eventos históricos, a vida humana passou a ser cada vez mais valorizada, tanto do ponto de vista social, à medida que o humanismo e o antropocentrismo se consolidaram como base da preocupação filosófica, quanto do ponto de vista econômico, à

¹ *Estatutos da Universidade de Coimbra: para a restauração das ciências e das artes liberais nestes Reinos e Domínios*. Livro III. Lisboa, Oficina Régia Tipográfica, 1772, p. 21.

medida que o aumento demográfico tornou-se um pré-requisito para o crescimento das atividades mercantis. Com efeito, por um lado, o Estado teve que transformar a melhora das condições de saúde da população em uma das suas mais fundamentais obrigações políticas, por outro, os médicos tiveram que se organizar para promover esforço permanente destinado a ampliar os recursos contra as enfermidades.

Um dos primeiros passos que eles precisaram dar para atingir esse objetivo foi a superação de determinadas características que durante centenas de anos marcaram profundamente no Ocidente a arte de curar (como se referiam à medicina antes dela alcançar certo rigor científico no final do século XIX).

Características da arte de curar combatidas pelos médicos ilustrados

Em uma época em que “quase toda a Europa se encontrava nas trevas da superstição”, era comum ocorrerem agressões contra pessoas consideradas responsáveis pela proliferação de moléstias assustadoras, como em Milão no início da década de 1630, quando um velho, ao sentar-se no banco da igreja de Santo Antônio, passou o seu manto nele para limpá-lo. Essa cena foi interpretada pelo povo como tentativa de disseminar a peste que assolava toda a cidade, “uma das mais impiedosas de que há lembrança na história”, sendo por isso agarrado “na própria Casa de Deus” e espancado “com socos, pontapés e todos os gêneros de pancadas”, até ser transformado “em cadáver”².

Isso acontecia porque, antes dos avanços da medicina na geração de Pasteur (1822-1895), a concepção sobre as doenças e os seus meios de cura era marcada por uma forte visão mística, pois pouco se podia fazer com eficácia para, de um modo geral, confrontá-las, uma vez que quase nada se sabia a respeito das suas causas. Por esse motivo, até o final do século XIX elas eram interpretadas (sobretudo as que se manifestavam de forma epidêmica e provocavam extremo abalo social) como castigo divino motivado pelo comportamento transgressivo dos indivíduos, ou das sociedades, em relação às regras de conduta religiosa³.

Assim, tomando como exemplo as sociedades cristãs, observa-se que nelas vigorou durante séculos a crença, sustentada principalmente pela Igreja, como está expresso nas *Constituições Sinodais* do Arcebispo

² Fato narrado por Verri, Pietro. *Observações sobre a tortura*. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 7-13. Originalmente publicado em 1804.

³ Cf. BURGUIÈRE, André. *Dicionário das ciências históricas*. Artigo “Doenças”. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

de Lisboa editadas em 1737, de que “muitas vezes as enfermidades corporais procedem dos pecados e das enfermidades espirituais, como Cristo Nosso Senhor ensinou no Evangelho”, de modo que “cessando a causa dos mesmos pecados quererá ele por sua divina misericórdia que cesse o efeito da doença”⁴. Essa crença exerceu tão profunda repercussão nas práticas de cura da época, que levou um dos maiores expoentes do saber médico português, Francisco de Melo Franco, a argumentar, sintonizado com o que predominava na mentalidade dos seus pares em pleno auge da Ilustração, o seguinte:

O fim da medicina corporal é recuperar a saúde perdida e conservar a que se há recuperado; este é o mesmo ofício do confessor; mas assim como o médico corporal para satisfazer este fim deve procurar junto com a do corpo a saúde da alma, assim também o médico espiritual deve junto com a saúde da alma procurar a do corpo⁵.

A relação entre a saúde física e a espiritual exposta nessa passagem deriva do pensamento renascentista, que preservou a premissa, já bastante difundida desde a Antiguidade e confirmada pelo cristianismo, da “estreita ligação entre a alma e o corpo, através da qual a experiência de uma é comunicada ao outro”⁶. Tal era a força dessa premissa que nem mesmo alguns dos maiores filósofos escaparam da sua influência, o que permitiu disseminá-la, como René Descartes, em cuja obra intitulada *Meditações* (1641) afirmou “que a alma do homem é de fato diversa do corpo e que apesar disso, ela lhe é tão estreitamente conjugada que forma praticamente uma mesma coisa com ele”⁷.

Esse axioma marcou decisivamente o pensamento médico até o fim do Antigo Regime, de forma que uma das principais características até então da maioria das obras de medicina era a utilização de fundamentos religiosos nas propostas terapêuticas de seus autores, como é possível observar, por exemplo, no caso do Brasil, em dois textos de cirurgias portuguesas que atuaram na Capitania de Minas Gerais. Um deles, *Erário mineral*, foi escrito por Luís Gomes Ferreira e impresso no ano de 1735 em Portugal com essa justificativa: “Tudo que escrevo é para a

⁴ ARCEBISPADO DE LISBOA. *Constituições sinodais do Arcebispado de Lisboa*. Lisboa: Oficina de Filipe de Sousa Vilela, 1737 apud CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. Lisboa: Difel, 1990, p. 18.

⁵ FRANCO, Francisco de Mello. *Medicina teológica ou súplica humilde feita a todos os senhores confesores e diretores, sobre os modos de proceder com seus penitentes na emenda dos pecados...* Lisboa: Oficina de Antônio Rodrigues Galhardo, 1795. p. 22-23.

⁶ Cf. HELLER, Agnes. *O homem do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1982. p. 333.

⁷ DESCARTES, René. *Meditações*. Trad. Eurico Corvisievi. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 245.

honra e a glória de Deus e para o proveito do próximo”, que “em tantas e tão remotas partes que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam médicos, nem ainda cirurgiões que professem cirurgia”, padece “grandes necessidades”, porque ou ficam entregues à sua própria sorte, ou à mercê de “barbeiros ignorantes que em Portugal mal sabiam fazer uma barba”⁸.

Segundo tal autor, essa inaceitável situação o levou a romper com uma antiga e persistente característica do exercício do saber médico: o segredo sobre as propriedades curativas e o modo de prepará-las, utilizado como estratégia para evitar que a concorrência se apropriasse das novidades no campo da cura e garantir fidelidade da clientela. Depois de ter seguido essa regra durante os seus quase vinte anos de atuação em Minas Gerais, ele revelou, junto com medicamentos já conhecidos pelos seus pares, as suas descobertas medicinais para curar várias enfermidades, com a justificativa de, considerando que “a conveniência de muitos deve antepor-se à de poucos”, satisfazer “a utilidade do bem comum”⁹.

Boa parte dos remédios aplicados por Luís Gomes Ferreira e demais médicos e cirurgiões da época em seus pacientes era composta de substâncias vegetais e minerais diluídas em água, ou vinho, ou aguardente de cana, como o indicado contra a malária que, segundo ele, precisava ser divulgado em nome de “Deus e bem do próximo”, cujo modo de preparação é o seguinte: “Tomar uma mão cheia de arrudas” que, depois de muciladas, deve ser posta em uma vasilha, junto com “seis onças de vinho bom”, e levada à brasa viva por um quarto de hora. Em seguida, coar o seu conteúdo em um pano de linho e, finalmente, acrescentar seis grãos de tártaro emético¹⁰, o “que se dará ao enfermo pela manhã em jejum”¹¹.

Outra parte de medicamentos era composta por elementos inusitados para os padrões terapêuticos atuais. Por exemplo, contra dor de dentes, tocá-los com “um dente de defunto que morresse de pura velhice” permitiria extraí-los sem a necessidade de instrumento cirúrgico. Contra picada de cobra, “esterco humano desfeito em qualquer líquido” poderia neutralizar a ação do veneno¹².

⁸ FERREIRA, Luís Gomes. *O Erário mineral*. 1. ed. Lisboa, 1735. 2. ed. Organização de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002. 184-185. A referência aos “barbeiros ignorantes” está na p. 456.

⁹ *Ibid.*, p. 405. A referência à utilidade da revelação dos seus segredos da arte de curar está na p. 516.

¹⁰ Remédio feito com a borra que se acumula no fundo dos vasilhames de vinho.

¹¹ *Ibid.*, p. 517.

¹² *Ibid.* A receita contra dor de dentes encontra-se na p. 445 e a contra picada de cobra na p. 685.

Para se entender o porquê dos médicos usarem restos mortais e fezes na preparação de medicamento, é necessário compreender a teoria dos humores formulada por Hipócrates (460-375 a.C.) sobre as causas das doenças. Segundo ele, o homem é a síntese do universo e por isso sua composição física constitui-se das mesmas quatro qualidades essenciais da natureza (fogo, água, ar e terra).

Nesse quadro explicativo, a saúde depende exatamente do equilíbrio dos humores elementares produzidos pelo organismo a partir das diversas combinações entre essas qualidades e da influência de fatores externos (água, alimentação, ar, etc.). Assim, explica Márcia Moisés Ribeiro, imaginava-se que remediar as enfermidades “com elementos vindos do próprio homem, no caso de defuntos e excrementos, significava devolver-lhe os princípios da vida”, porque eram considerados capazes de permitir o corpo recuperar a vitalidade orgânica¹³.

Eis o principal suporte teórico do receituário divulgado no *Erário mineral*. Resta agora conhecer as fontes do conhecimento utilizadas pelo seu autor para elaborá-lo, a partir das quais ficarão explícitas outras características marcantes da arte de curar antes da sua reforma durante a Ilustração.

Junto das que inventou, em tal obra há também a indicação de receitas obtidas por meio de seus contatos com os mais diversos tipos de pessoas ao longo da sua permanência em Minas Gerais, como os bandeirantes. Estes eram “homens muito vistos e experimentados em raízes, ervas, plantas, frutos”, segundo Luís Gomes Ferreira, por andarem “pelos sertões anos e anos, não se curando de suas enfermidades senão com as tais coisas por terem muita comunicação com os carijós, de quem se tem alcançado coisas boas com que eles se curam de muitas doenças”¹⁴.

Dessa gente soube, por exemplo, que para curar almorreimas (hemorróidas), vivia uma espécie de macaco conhecida como barbado, de cujo papo se retirava uma bolinha denominada “conta de macaco”, que furada e dependurada convenientemente para tocar a carne do almorreico era remédio conhecido nos sertões há muitos anos e “aprovadíssimo nessas Minas”¹⁵. Com eles igualmente aprendeu a preparar um remédio muito popular para curar dores no ventre, feito de “pós da casca” de um arbusto conhecido nas Minas como “paratudo”, que por ser virtuoso contra vários tipos de cólicas “até os pretos traziam esta casca consigo para as suas ocasiões de dores de barriga”¹⁶.

¹³ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 75.

¹⁴ *Ibid.*, p. 677- 678.

¹⁵ *Ibid.*, p. 382.

¹⁶ *Ibid.*, p. 363.

Além dessa fonte, Luís Gomes Ferreira também acumulou informações adquiridas por meio de leituras de obras de diversos autores, sendo o mais citado deles, tanto quanto Hipócrates, “aquele grande oráculo da Medicina Científica”, João Curvo Semedo, cuja obra mais importante, *Polyantea médica*, foi uma das que lhe serviram como referência na sua atuação profissional¹⁷. Afinal, ela teve sucessivas edições no século XVIII, em razão do grande interesse dos médicos da época e do público em geral em suas receitas tidas como infalíveis contra várias doenças, como a asma, que poderia ser curada com “gatinhos acabados de nascer, metidos vivos no forno para se secarem, de sorte que se possam fazer em pó, dando uma oitava deles em água cozida com cabecinhas de hisopo¹⁸, orégano e açafraão”¹⁹.

Foi principalmente com tal médico que ele aprendeu essa e outras tantas receitas, as quais foram incorporadas em seu *Erário mineral* e divulgadas para uso dos que delas precisassem naquelas longínquas partes da Colônia, onde havia pouca oferta de agentes das artes de curar devidamente autorizados para exercê-la.

Mas todo esse aprendizado conquistado no conjunto das fontes acima apresentado não era em si mesmo suficiente para remediar os doentes, porque, para o autor do manual médico em tela, em conformidade com o pensamento então predominante no seu campo de conhecimento, a maior parte das substâncias usadas no preparo dos remédios possui uma “virtude oculta”, isto é, “aquela de que procedem obras e efeitos que vemos e experimentamos com os sentidos, mas não os alcançamos com o entendimento”. Afinal, “as virtudes ocultas só a Deus são reservadas”, o que quer dizer que a descoberta de substâncias terapêuticas e sua eficácia dependiam, não somente da habilidade médica, mas também e acima de tudo da revelação divina²⁰.

Isso explica o porquê dele atribuir à sua fé religiosa a cura alcançada pelos seus pacientes, como relatou em várias passagens de sua obra. Por exemplo, em relação às pontadas pleuríticas, disse: “Com a mercê de Deus, e com alguns documentos do licenciado João da Rosa, húngaro de nação que morreu nessas Minas, eu as curo”. No caso das obstruções do baço garantiu: “Quem as curar pelo modo que tenho exposto, não poderá deixar de alcançar bons sucessos, mediante a graça divina, como há tantos anos tenho alcançado”²¹.

¹⁷ Ibid. O seu elogio a Hipócrates encontra-se na p. 230.

¹⁸ Planta medicinal da família das labiadas, ou seja, ervas aromatizantes.

¹⁹ FERREIRA, Luís Gomes. Op. cit., p. 370.

²⁰ Ibid. Os fragmentos acima citados foram retirados, respectivamente, das p. 382 e 425.

²¹ Ibid., p. 240. A atribuição a Deus em relação à cura das obstruções do baço encontra-se na p. 316.

A atribuição do restabelecimento da saúde dos enfermos à providência divina está presente em muitos casos que ele relata no seu texto, como era comum na época entre os agentes das artes de curar. Inclusive, no fim dele, reitera a sua fé na graça de Deus para que as suas receitas obtivessem bons resultados para os que buscassem alívio contra as suas moléstias em suas páginas.

Espero em Deus que este meu trabalho seja grato assim aos leitores comuns, como aos professores, se não em tudo, em parte, e aos doentes, de utilidade, pois, vendo-me em uma terra tão falta de remédio e tão remota, sem ter boticas naquele tempo para onde apelar, era preciso fazer juízo dos remédios, que poderiam haver e serem proveitosos para tais queixas, e por esta razão interpretei alguns, que ninguém até hoje usou²².

Pelo mesmo motivo, procurou homenagear Nossa Senhora da Conceição, dedicando a ela o seu livro da seguinte maneira:

A vossa soberana presença chega este vilíssimo pecador e indigno servo vosso, mais a retribuir que a oferecer, e, não tanto a pagar-vos uma dívida, quanto a contrair outra de novo. Este livro, que para poder sair à luz saiu primeiro da que para compor me concedestes, vosso é, e a vossa mão torna da minha, se não liberal na oferta, ao menos fiel na restituição; porém porque da minha mão se lhe pegaram muitas imperfeições que o fizeram indigno de entrar na vossa e menos útil para andar nas dos homens, quisera, ó dulcíssima senhora, dever-vos esta nova mercê de o aceitardes debaixo do vosso patrocínio e amparo, que é o mesmo que pedir-vos para mim o perdão dos defeitos que leva como meu, e, para os que o lerem, o fruto que da doutrina, que encerra como vosso. E se é palavra de vosso filho que maior glória é dar que receber, aqui ponho, diante de vossa magnificência, uma ocasião de vossa maior glória, em que para mim o dar é receber e para vós o receber é dar; com isto, e mediante o vosso favor, poderei esperar que o meu trabalho seja proveitoso a alguns, ainda que seja mal recebido de muitos²³.

O conteúdo dessa passagem remete à cultura da mercê que no Antigo Regime funcionava como um sistema autorreprodutivo de retribuições mútuas, ou seja, de retribuir uma graça obtida a quem a concedeu. Dessa forma, o indivíduo, os grupos e as comunidades que obtinham um favor do suserano (da terra ou do céu) deveriam retribuí-lo, o que consequentemente implicava na reafirmação da obediência do vassalo, ou do devoto, confirmando os laços de sua sujeição à soberania humana ou divina²⁴. Assim, Luís Gomes Ferreira procurou retribuir a graça divina a ele concedida, para descobrir as “virtudes ocultas” de algumas substâncias que ele usou na invenção de novos remédios,

²² Ibid., p. 600.

²³ Ibid., p. 181-182

²⁴ A noção de mercê acima apresentada foi elaborada com base no trabalho de FRAGOSO, João (Org.). *O Antigo Regime nos trópicos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. p. 148.

durante quase vinte anos de atuação como cirurgião em Minas Gerais, com a divulgação dos segredos das suas receitas ao público, rompendo com uma das principais características da estratégia até então usada pelos médicos para atrair clientela.

Outro cirurgião que agiu da mesma maneira foi João Cardoso de Miranda, ao divulgar um remédio para curar o mal de Luanda (o escorbuto); uma enfermidade muito comum na época, principalmente entre os escravos. Segundo ele, foi “o serviço de Deus e o bem comum o único motivo” que o levou a revelar o segredo da cura da “infecção escorbútica” no último tratado do *Erário mineral*, pois:

Se assim o não fizesse, entendo me mostraria a Deus gravemente ingrato; porque, suposto digo o alcancei com muito trabalho e diligência, bem conheço que, sendo eu o mínimo professor cirúrgico, não podia haver, no meu limitado talento, capacidade nem engenho para poder fabricar a composição de tão completo remédio, porquanto alguns simples que nele entram, se não acham inculcados pelos autores para esta infecção. Por cuja razão estou certo que Nosso Senhor foi servido dar-me luz para fazer a dita composição e ser remédio de suas criaturas, e o fazer-me particularmente esta mercê só unicamente o podia obrigar a ânsia com que o desejava alcançar, pois me afligia muito ver acabar tantos enfermos tão miseravelmente, sem se poder achar auxílio com que pudessem ser socorridos²⁵.

Esse autor também atuou como cirurgião em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII, onde tomou conhecimento de uma lagoa, situada próxima à vila de Sabará, que se tornou famosa na época, devido ao fato de muitas pessoas terem conseguido se livrar de algumas doenças usando a sua água. Em um texto dedicado a ela, relata que as suas propriedades medicinais começaram a ser reveladas no dia 22 de fevereiro de 1749, quando frei Antônio, religioso da ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, fora se despedir de um amigo, Simão Ferreira de Castro, que estava hospedado em uma fazenda situada nas suas proximidades.

Nessa ocasião, conversando com tal hóspede, este lhe contou detalhadamente que passou a se sentir bem melhor em relação a uma antiga e incômoda irritação na pele das nádegas, depois de ter tomado sucessivos banhos na referida lagoa, para se refrescar nos dias de intenso calor. Ao ouvir a conversa deles, Felipe Rodrigues, proprietário da dita fazenda, lembrou-se de que o mesmo havia acontecido com outras pessoas, como “Antônio, escravo de Manoel Neto Covas,” que “cheio de chagas por todo o corpo”, após refrescar-se naquela lagoa durante a estação calorosa, “nela se achou são”²⁶.

²⁵ Ibid., p. 690-691.

²⁶ MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa lagoa descoberta nas Congonhas das Minas de Sabará*. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal da Costa, 1749. p. 8.

Estimulado pelas histórias que lhe contaram, aquele frei resolveu observar o fenômeno de perto experimentando alguns banhos na mesma lagoa, após os quais acabou se curando de um persistente e desagradável mal-estar no corpo que lhe acompanhava há dois anos. Quando voltou para Sabará, divulgou a descoberta para todos os amigos, particularmente a um médico, Antônio Cialli, que, depois de analisar uma amostra da água daquela lagoa, concluiu que com ela era possível resolver diversas doenças da pele, como as sarnas, e até algumas que afetam as funções orgânicas, como diarreia.

Conseqüentemente, “correu a fama dos singulares efeitos” que ela produzia, “não só por toda a comarca, como pelo dilatado destas Minas”, de modo que em pouco tempo “mais de três mil pessoas com todas as qualidades de achaques” já tinham se banhado nela. Por isso o bispo dom frei Manoel da Cruz, recém-chegado em Mariana para comandar o primeiro Bispado criado em Minas Gerais, autorizou a montagem de um “altar portátil para se poder celebrar o Santo Sacrifício da Missa” e “invocação e devoção de Nossa Senhora da Saúde” em uma das suas margens²⁷.

Como forma de divulgá-la, João Cardoso de Miranda publicou um opúsculo com o resumo de vários 108 casos de doentes que se livraram das suas moléstias (54 homens de condição livre e 6 mulheres da mesma condição; 24 escravos e 12 escravas; e 7 forros e 5 forras), entre os quais o mais extraordinário foi protagonizado por Idelfonso, preto forro, residente nos arredores da capela de Nossa Senhora do Ó de Sabará. Esse preto havia contraído chagas na coxa que, apesar de tantos remédios, não secavam, bem como sofria de um estranho mal que lhe fazia subir “grande cópia de sangue pela boca”. Como a sua situação parecia encaminhar-se para morte, chegou ao ponto de tomar “O Santíssimo Viático”²⁸. Porém, certo dia, “pondo-lhe nas chagas uns panos molhados nas águas da lagoa, logo minoram as dores”, de modo que, recuperando um pouco da sua vitalidade, foi a ela repetidas vezes até ficar completamente são²⁹.

Após relatar esse entre outros casos de cura, Miranda concluiu o seu texto sobre essa lagoa da seguinte maneira:

É este descoberto um dos maiores tesouros que a Divina Providência permitiu a toda esta parte da América para remédio. Espera-se na Divina Misericórdia continue o maravilhoso sucesso que nesta lagoa se experimentam em tanta diversidade de queixas e enfermidades, para que o Senhor fosse engrandecido,

²⁷ Ibid., p. 10.

²⁸ Era um tipo de ritual praticado pelos católicos, quando o indivíduo estava prestes a morrer, no qual um padre levava em procissão a última comunhão para o doente e dele ouvia a sua confissão final.

²⁹ Ibid., p. 23.

admirando-se já a grande quantidade de pessoas que em toda Minas, que ali celebram e recebem a Sagrada Comunhão, mostrando neste Católico ato a fé engrandecida, e que não buscam só o remédio corporal, mas também o espiritual, em reconhecimento de um tão avultado benefício³⁰.

Essa conclusão sintetiza uma das concepções mais marcantes na medicina praticada até o final do Antigo Regime, qual seja, a noção de que a saúde do corpo e a da alma se completavam, o que explica a relação íntima entre a cura e a fé que se observa em diversas obras médicas da época, como as duas analisadas anteriormente.

Da arte à ciência da cura

No entanto, a partir de meados do século XVIII, os médicos, que se identificaram com as transformações culturais e científicas em curso desde o Renascimento, começaram a romper com a relação entre saúde do corpo e da alma, e, com efeito, procuraram reformar as bases do seu saber, substituindo a revelação pela razão como instrumento de investigação das causas das doenças e dos meios de enfrentá-las. Assim, iniciaram uma nova trajetória histórica da medicina, na qual o corpo foi transformado definitivamente em objeto de estudo e “fonte fecunda das mais úteis verdades”, depois de séculos de implacável interdição, comandada pela Igreja, aos seus despojos inanimados³¹.

As mudanças ocorridas no quadro geral do pensamento filosófico entre o século XVI e a Ilustração explicam em grande parte o que permitiu à elite médica acreditar na sua possibilidade de colaborar para melhorar, com o avanço do seu campo de conhecimento, as condições de saúde da população. Uma delas está relacionada com o fato de que, ao longo desse período, o homem projetou-se ao centro do seu próprio interesse e elegeu o conhecimento da natureza como uma de suas mais urgentes conquistas, promovendo a secularização da sua existência, isto é, uma forma de concepção da vida e das coisas em oposição à imagem religiosa do universo, que impulsionou o interesse pelo saber científico.

Esse impulso ganhou força no século XVII, quando foram publicadas algumas obras de grande impacto intelectual, cujos autores

³⁰ Ibid., p. 27.

³¹ Cf. FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da clínica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994. p. 142. Os estudos anatômicos, até se consolidarem, sofreram fortes resistências e o seu surgimento pode ser explicado pelo fato de que, de acordo com Roy Porter, as formas de concepção do corpo mudam, uma vez que ele é, além de uma materialidade biológica, dotado de uma rede complexa de significados que variam historicamente. PORTER, Roy. *The Cambridge illustrated history of medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

estavam mobilizados para reformar a base e o sentido da ciência. Um deles, Francis Bacon (1561-1626), fez no *Novum organum* (1620) a seguinte exortação que expressa com exatidão o seu esforço destinado a atingir tal objetivo:

Aqueles dentre os mortais, mais animados e interessados, não no uso presente das descobertas já feitas, mas em ir mais além; que estejam preocupados, não com a vitória sobre os adversários por meio de argumentos, mas na vitória sobre a natureza, pela ação; não em emitir opiniões elegantes e prováveis, mas em conhecer a verdade de forma clara e manifesta; esses, como verdadeiros filhos da ciência, que se juntem a nós, para, deixando para trás os vestibulos das ciências, por tantos palmilhados sem resultados, penetrarmos em seus recônditos domínios³².

Nesse livro, ele repudiou a inércia do conhecimento, porque os fundamentos dos seus mais diversos ramos eram os mesmos inventados pelos gregos, motivo pelo qual durante o espaço de tantos anos não houve “um único experimento de que se possa dizer que tenha contribuído para aliviar e melhorar a condição humana”³³. Isso porque, à medida que a fé cristã foi se enraizando no espírito humano, “a grande maioria dos melhores engenhos se consagrou à teologia”, de forma que as “condições para a ciência natural se tornaram mais árduas e perigosas”, devido às sumas e aos métodos dos escolásticos, os quais “lhe combinaram, com o corpo da religião, a contenciosa e espinhosa filosofia de Aristóteles”³⁴.

Com efeito, várias artes e ciências particulares, bem como “a própria medicina”, lamentavelmente “não alcançaram nenhuma profundidade, mas apenas deslizaram pela superfície e variedade das coisas”³⁵, o que explica o fato de as teorias de Hipócrates e Galeno (médicos da Antiguidade) terem predominado no saber médico até o final do século XVIII.

Essas críticas expressam novos valores, como o humanismo e o antropocentrismo, reinseridos no universo intelectual desde a Renascença, a partir dos quais se almejava transformar o homem e a ciência em protagonistas de um novo mundo idealizado na *Nova Atlântida*, obra escrita também por Bacon (1627). Nela ele imaginou um utópico país cujas instituições destinavam-se ao “conhecimento das causas e dos

³² BACON, Francis. *Novum organum*. Trad. José A. Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 30.

³³ *Ibid.*, p. 58.

³⁴ *Ibid.*, p. 62. As suas explicações sobre as barreiras impostas pela escolástica à ciência natural estão na p. 71.

³⁵ *Ibid.*, p. 63.

segredos dos movimentos das coisas e a ampliação dos limites do império humano”³⁶.

Contemporâneo desse autor, René Descartes (1596-1650), com o seu *Discurso do método* (1637) e *Meditações* (1641), igualmente se empenhou para mudar a perspectiva do entendimento humano, quando estabeleceu a dúvida metódica, o ceticismo, como princípio essencial de regulação e controle do saber. Pois, conforme argumentou, o mundo exterior, sensível, das aparências, não pode garantir a verdade do conhecimento, uma vez que “a vida do homem está sujeita a falhar muito assiduamente nas coisas particulares”³⁷.

Colocando em dúvida a objetividade transcendente do mundo das essências (cuja contemplação era uma das bases da antiga filosofia grega, que foi em parte adotada pela teologia cristã medieval) com o famoso aforismo “penso logo existo”, ele deu grande contribuição para iniciar o processo que transformou a razão em uma ferramenta para julgar toda a certeza verificável³⁸. Dessa forma, a natureza, que até então estava envolta em grande mistério, aos poucos foi convertida em objeto de estudos práticos, isto é, de caráter experimental, abrindo a possibilidade de nela encontrar valiosos recursos para aperfeiçoar a miserável condição humana.

Quem os encontrasse, precisava, visando colaborar para atingir esse nobre objetivo, adotar a seguinte postura que acabou sendo transformada em norma fundamental do conhecimento científico:

Comunicar com fidelidade ao público o pouco que já tivesse descoberto, e convidar os bons espíritos a empregarem todas as forças para ir além, contribuindo, cada qual de acordo com sua inclinação e sua capacidade, para experiências que seria necessário realizar, e comunicando ao público todas as coisas que aprendessem, para que os últimos comessem onde os precedentes houvessem acabado³⁹.

Tal regra foi aos poucos adotada a partir da segunda metade do século XVIII no campo dos estudos aplicados, quando os expoentes da Ilustração atribuíram de forma definitiva à ciência o papel de melhorar a vida humana, rejeitando, nos mais diversos ramos do saber, tudo aquilo

³⁶ BACON, Francis. *Nova Atlântida*. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 245.

³⁷ DESCARTES, René. *Meditações*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 334.

³⁸ Com esse aforismo, Descartes quis dizer que o primeiro critério para se julgar a verdade é a evidência, conforme esclareceu LARA, Tiago Adão. *A filosofia ocidental: do Renascimento aos nossos dias*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 38. A transformação da razão em instrumento da aferição do conhecimento foi explicada por CASSIRER, Ernest. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 32.

³⁹ DESCARTES, René. Op. cit., p. 87-88.

que consideravam inútil, como fez, por exemplo, David Hume (1711-1776) na sua *Investigação acerca do entendimento humano* (1748), em cuja conclusão sugeriu o seguinte:

Quando percorremos as bibliotecas, persuadidos destes princípios, que destruição deveríamos fazer? Se examinarmos, por exemplo, um volume de teologia ou de metafísica escolástica e indagarmos: contém algum raciocínio abstrato acerca da quantidade ou do número? Não. Contém algum raciocínio a respeito das questões de fato e de existência? Não. Portanto, lançai-o ao fogo, pois não contém senão sofismas e ilusões⁴⁰.

Essa proposição iconoclasta simboliza a convicção dos intelectuais da Ilustração de reformar o saber para, dessa maneira, adequá-lo ao contexto histórico marcado por “um vasto clamor crítico”, impulsionado pelo avanço do antropocentrismo, em busca de respostas a tantos problemas, como as pestes, que perturbavam a vida cotidiana, configurando a crise de consciência que se abateu sobre a Europa na virada do século XVII ao XVIII⁴¹. Para tal convicção muito contribuiu o impacto provocado pela obra *Princípios matemáticos da filosofia natural* (1687), na qual Isaac Newton (1642-1727) formulou a teoria da gravitação universal, explicando que o movimento do universo é um sistema formado por partes interligadas e regido por um mesmo princípio: a força da gravidade.

Já que o corpo humano era concebido como a síntese do universo, a elite médica da época, influenciada por essa teoria, começou a ampliar o seu interesse pelos estudos anatômicos, com a esperança de encontrar um princípio que pudesse ajudá-la a compreender o seu funcionamento e, assim, aprofundar o seu saber sobre a manifestação das enfermidades. Afinal, conforme avaliou Descartes, a medicina, “ciência tão necessária”, porque “a conservação da saúde é sem dúvida o primeiro bem e a base de todos os outros bens desta vida”, poderia avançar e nos pôr “a salvo do grande número de doenças, quer do espírito, quer do corpo, e talvez até mesmo da debilidade decorrente da velhice”, se fossem descobertas as “suas causas e todos os remédios de que a natureza nos dotou”⁴².

Toda essa reestruturação do ideário filosófico e científico, acrescida da percepção cada vez mais nítida do impacto provocado pelas

⁴⁰ HUME, David. *Investigação acerca do entendimento humano*. Trad. Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 154.

⁴¹ Cf. HAZARD, Paul. *O pensamento europeu no século XVIII*. Lisboa: Editorial Presença, 1973. p. 7.

⁴² DESCARTES, René. *O Discurso do método*. Trad. Eurico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 87. Nessa mesma obra, p. 100, ele revelou o seu interesse pelo estudo da medicina: “Decidi não empregar o tempo de vida que me resta em outra coisa que não seja tentar adquirir algum conhecimento da natureza, que seja de tal ordem que dele se possam extrair normas para a medicina, mais seguras do que as adotadas até agora, e que minha tendência me afasta tanto de quaisquer outras intenções”.

doenças nas atividades econômicas, bem como do fato de que a saúde estava cada vez mais sendo considerada uma das bases da felicidade humana e do progresso da civilização, permite explicar grande parte do esforço da elite médica para reformar o seu campo de conhecimento⁴³. Parcela considerável desse esforço pode ser observada no processo de reformulação do ensino médico promovido nas universidades europeias ao longo da segunda metade do século XVIII, quando os escritores que se identificaram com o pensamento ilustrado defendiam a necessidade do aprimoramento do saber, especialmente “a agricultura e a medicina”, tidas como “as mais essenciais e as primeiras de todas”⁴⁴.

No caso de Portugal, tal processo foi iniciado quando alguns dos seus intelectuais colocaram em debate a cultura predominante nas suas instituições educacionais, motivados pelos efeitos provocados pela Ilustração. Um deles, Antônio Verney (1713-1792), em sua obra *Verdadeiro método de estudar* (1746), criticou o atraso da medicina praticada em seu país, ironizando a dificuldade de se encontrar “médico português que formasse verdadeira ideia de como circula o sangue nos vasos, e do que nasce o movimento do coração”⁴⁵.

Alguns anos depois, Antônio Ribeiro Sanches (1699-1782), com o mesmo espírito crítico de Verney, elaborou os livros *Tratado da conservação da saúde dos povos* (1756) e *Introdução ao método de aprender a estudar medicina* (1763), os quais, junto com o texto anteriormente citado, reforçaram a necessidade de adequar o ensino médico no Reino aos novos tempos. A adequação solicitada por esses entre outros autores da medicina, por meio da sua reorganização pedagógica, acabou sendo iniciada, bem como a de outros campos de conhecimento, com a reforma dos *Estatutos da Universidade de Coimbra* em 1772. Na sua abertura, D. José I, então rei de Portugal, afirmou que um dos objetivos deste novo documento era combater “o sistema da ignorância artificial e um agregado de impedimentos dirigidos a impossibilitarem o progresso” com o seguinte objetivo:

Remover dos meus fiéis vassallos a intolerável opressão de uma tão injusta e prejudicial ignorância, e facilitar-lhes os meios de serem restituídos à quase posse das Artes Liberais e das Ciências, do que foram tão temerariamente

⁴³ A relação entre saúde e felicidade construída no século XVIII foi revelada por MAUZI, Robert. *L'idée du bonheur au XVIII siècle*. Paris: Librairie Armand Colin, 1969. p. 302-304. Já a relação entre saúde e progresso da civilização foi revelada por GUSDORF, Georges. *Dieu, la nature, l'homme au siècle des lumières*. Paris: Payot, 1972. p. 438-442.

⁴⁴ *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et métiers*. Tome I. 2. ed. Lucques: Chez Vicent Giuntini, 1758. p. V.

⁴⁵ VERNEY, Antônio. *Verdadeiro método de estudar*. Lisboa: Sá da Costa, 1949. p. 23. Originalmente publicado em 1746.

esbulhados pela sobredita intolerável opressão, [...] para o bem e aumento da dita Universidade, e muito úteis para o progresso das ciências⁴⁶.

Para isso, ele ordenou: “Abolir e desterrar não somente da Universidade, mas de todas as escolas públicas e particulares, seculares e regulares de todos os meus Reinos e domínios a Filosofia Escolástica”, isto é, “toda aquela que se compuser de questões quadilíblicas⁴⁷, metafísicas, abstratas e inúteis que com sofismas intermináveis se disputam pela negativa e afirmativa semelhantes às que escreveram os comentadores de Aristóteles”. E “aqueles que contrariarem esta disposição, além de serem considerados inimigos do Bem Público, e de incorrerem no meu Real Desagrado, serão para sempre suspensos de ensinos” e considerados “inábéis para obterem emprego ou ofício algum dos que se costumam dar às pessoas de letras”⁴⁸.

Tais *Estatutos* são compostos por três livros básicos. O primeiro deles dedicado à teologia, o segundo ao direito e o terceiro ao conjunto das ciências naturais e à filosofia. A medicina foi incluída nesse último, pois ela era tida como “a física particular do corpo humano”⁴⁹.

Sendo concebida dessa maneira, ela precisava ser adequada aos princípios científicos que, desde Bacon e Descartes, vinham sendo construídos, para que as novas gerações de médicos pudessem aumentar a eficácia do seu saber, conforme determinaram os idealizadores da reforma educacional em curso em Portugal:

Constituindo toda medicina na Arte de conservar e restabelecer a saúde dos homens, e não podendo isto configurar-se pelo único meio da experiência, a qual produz conhecimentos muito tardos e vagarosos na prática [...], hei por bem ordenar que se desterre da Universidade e todos os meus Reinos o puro Empirismo, desacompanhado das luzes científicas da teórica [...]. E porque também a pura teórica na Medicina, ainda que começando nos mais sólidos e verdadeiros princípios, costuma degenerar em consequências paralogísticas, que reduzidas à praxe seriam o maior flagelo da humanidade, como tem sido nas mãos de muitos médicos teimosos e pertinazes nas suas especulações; sou servido ordenar que se desterre da Medicina o puro Racionalismo, como seita igualmente prejudicial à vida dos homens [...]. Em consequência do referido, ordeno que se tenha sempre o meio entre os dois reprovados extremos, cultivando-se a Medicina Empírico-Racional, na qual as luzes da teórica sirvam para se poderem ler sem equívocações nas experiências as verdades que ensinam o magistério da natureza, e as observações bem feitas,

⁴⁶ *Estatutos da Universidade de Coimbra: para a restauração das ciências e das artes liberais nestes Reinos e Domínios*. Lisboa: Oficina Régia Tipográfica, 1772. p. VI-VII.

⁴⁷ Quer dizer, respondidas apenas com sim ou não, tendo como base o princípio de que entre duas proposições contraditórias, uma é verdadeira e a outra é falsa.

⁴⁸ *Ibid.*, Livro I, p. 1-3.

⁴⁹ *Ibid.*, Livro III, p. 9.

examinadas e comparadas sirvam para retificar, verificar, ampliar, limitar e aperfeiçoar os conhecimentos da teórica⁵⁰.

Junto com a reunião entre o racionalismo e o empirismo, era preciso também promover o casamento entre as ciências médicas e as cirúrgicas, porque, como foi avaliado nos *Estatutos*, “o divórcio entre a Medicina e a Cirurgia tem sido, mais do que todas as outras coisas, prejudicial aos progressos da Arte de Curar, e funesto à vida dos homens, não sendo possível ser bom médico quem não for ao mesmo tempo cirurgião e reciprocamente”. Por isso, no mesmo documento determinou-se que “o estudo da Cirurgia prática e especulativa” passaria a acompanhar “sempre o da Medicina”, de modo que a primeira pudesse ser elevada à “mesma graduação e nobreza em que até agora esteve a” segunda⁵¹.

Além dessas modificações de ordem mais geral, foram implantadas outras que incidiram nas disciplinas do ensino médico. Uma delas é a obrigatoriedade da introdução de exercícios práticos na cadeira denominada “matéria médica”, os quais seriam feitos no Jardim Botânico, tendo como referência a classificação “das classes, ordens, gêneros e espécies à imitação do que imaginou Lineu”⁵².

Outra novidade bastante relevante foi a adoção do estudo prático de anatomia, que em Portugal durante muito tempo se fazia em manequins e estampas, devido à interdição estabelecida pela Igreja aos mortos, por considerar profanação e grave ofensa a Deus a violação deles. Mas os tempos eram outros. Essa instituição já não tinha tanto peso político como dantes na Europa, e nem mesmo no Reino português (onde sua influência era bem mais forte) após a ascensão de Sebastião José de Carvalho Melo, mais conhecido como marquês de Pombal, ao governo em 1750.

Com efeito, algumas barreiras culturais que repercutiam negativamente nas práticas de ensino médico começaram a ser demolidas, como a acima mencionada, como pode ser observado pela seguinte imposição:

Para uso da Anatomia servirão os cadáveres dos que morrerem nos dois hospitais, da Universidade e da cidade, e dos que forem justificados. Faltando uns e outros, servirão os cadáveres de qualquer pessoa que falecer na cidade de Coimbra. E para evitar qualquer falta nisso, sou servido dar ao Reitor e à Congregação da Faculdade todo o pleno Poder e Autoridade para fazerem conduzir para o teatro anatômico os cadáveres necessários, e para obrigarem a consentir nisso todas e quaisquer pessoas que quiserem repugnar à entrega deles, procedendo contra os rebeldes, como inimigos do Bem Público

⁵⁰ Ibid., p. 17-18.

⁵¹ Ibid., p. 20.

⁵² Ibid., p. 23.

e fatores das preocupações que tanto dano tem causado ao progresso da Medicina e à saúde e vida dos homens⁵³.

Medida drástica para uma sociedade ainda marcada profundamente pela sensibilidade barroca, na qual a morte era um tema imerso em grande tabu e, por isso, o morto jamais poderia ser objeto de quaisquer intervenções, mesmo que fosse para tão justificado bem do conhecimento e proveito do gênero humano.

A terceira inovação estabelecida para o aprimoramento do aprendizado médico foi a introdução do “Diário clínico, um Livro essencial da prática do Hospital”, que, dada a sua importância para a investigação das doenças, deveria ser obrigatório para a “prática particular de qualquer médico”. Eis o que nele precisava ser registrado para que se tornasse possível acompanhar sistematicamente cada doente:

Entrando qualquer enfermo no Hospital, o lente, a quem tocar, lhe abrirá o seu assento no lugar competente do diário, declarando o dia, mês, ano, a idade, e profissão, o estado do enfermo e as circunstâncias gerais de sua enfermidade. Daí por diante de manhã e de tarde se continuará a escrever depois do dito assento tudo o que pertencer ao curativo do mesmo enfermo pela sucessiva ordem dos dias e das visitas⁵⁴.

Esse registro, tal como acima recomendado, precisava ser sempre elaborado porque, “como toda ciência prática, a Medicina não pode ser útil se não for ministrada com a probidade mais exata e escrupulosa que requer um objeto de tanta importância e valor como é a vida humana”⁵⁵. Assim, determinou-se nos *Estatutos* que “se faz necessário que a Universidade tenha um Hospital próprio em lugar vizinho às escolas”, para “que os estudantes tenham um exercício vivo, eficaz e contínuo da aplicação das doutrinas gerais aos casos particulares vistos, observados e conhecidos às cabeceiras dos enfermos”, o que requer a disposição dos “doentes nas enfermarias segundo a ordem natural das enfermidades pelos gêneros e classes delas, para que se façam metodicamente os exercícios da prática”⁵⁶.

Todas essas alterações no estudo da medicina foram resultado do impacto das transformações científicas em curso desde o século XVII, sobretudo com os avanços no campo das ciências naturais, a partir dos quais lentamente começou a ser aceito que “o verdadeiro caminho de filosofar” devia se lastrear “nas regras gerais estabelecidas pelo cavalheiro Newton para a Filosofia Natural”, quer dizer, como a demonstração dos fenômenos a partir de princípios irrefutáveis quando confirmado pela

⁵³ Ibid., p. 39.

⁵⁴ Ibid., p. 65.

⁵⁵ Ibid., p. 69.

⁵⁶ Ibid., p. 114-116.

combinação entre a razão e a experiência⁵⁷. Afinal, conforme reiterou Jean d’Alembert na abertura da *Encyclopédia*, “todos nossos conhecimentos diretos se reduzem ao que recebemos pelos sentidos, do que se segue que é a nossa sensação que nós devemos todas as nossas ideias”, e não de Roma ou do céu como seguiu criticando⁵⁸.

Com os efeitos proporcionados pela reformulação do saber médico ao longo da segunda metade do século XVIII, sob a influência decisiva da Ilustração, aos poucos a crença de que as descobertas que permitem confrontar as doenças eram frutos da revelação divina se enfraquece. Para tanto também muito colaborou a divulgação dos dois volumes da *Encyclopédie méthodique* dedicados à cirurgia em 1790, elaborados por M. de la Roche e M. Petit-Radel, os quais na abertura do primeiro deles reafirmaram: “A observação e a experiência são as fontes do conhecimento”⁵⁹.

Nos referidos volumes, os seus autores confirmaram que o sistema de classificação das espécies, formulado pelo botânico Carl Lineu (1707-1778), era um método igualmente muito eficaz para a condução do estudo das doenças. Por isso deveria ser definitivamente adotado pelos seguintes motivos:

C’est un grand pas qu’on a fait pour faciliter la connoissance des darangements dont l’économie animale, e pour en donner idées claires e distinctes; c’est un pas autant plus important que pour être en état de traiter une maladie, il est absolument essentiel de la bien distinguer. C’est que la nosologie nous met a portée de faire d’une manière beaucoup plus facile e plus sûre qu’on ne le pouvoit autrefois, en suivant les descriptions trop vague e confuses que les anciens nous ont données⁶⁰.

Com tudo isso começava uma nova trajetória histórica da medicina, na qual o corpo, ao ser transformado em elemento natural, foi convertido definitivamente em objeto de estudo, o que permitiu aos médicos alargarem os horizontes do seu entendimento sobre as manifestações das enfermidades para enfrentá-las com maior eficácia e,

⁵⁷ Ibid., p. 46. Isso não quer dizer que tal opção, na prática, foi imediatamente adotada, até que o quadro de professores fosse modificado. SCHWARCZ, Lilia M. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 106.

⁵⁸ *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et métiers*. Tome I, 2. ed. Lucques: Chez Vicent Giuntini, 1758. p. II.

⁵⁹ *Encyclopédie méthodique: chirurgie*. Par M. De La Roche e M. Petit-Radel. Paris: Chez Panckoucke, Libraire Hotel de Thou, 1790. p.7.

⁶⁰ Ibid. “É um grande passo que facilita o conhecimento da economia animal, por oferecer ideias claras e distintas; é um passo muito importante no estado dos tratados de uma doença, ele é absolutamente essencial para melhor distingui-las. Pois a nosologia nos coloca em condição de fazer de uma maneira mais fácil e mais segura do que era antigamente, que seguia as descrições demasiado vagas e confusas que os antigos nos deram”.

assim, tornarem possível a redução dos altos índices de mortalidade da população. A saúde cada vez mais estava sendo concebida como base da felicidade humana e do progresso da civilização, de modo que ela não poderia mais ser encarada como uma questão de foro privado, obrigando o Estado a construir um sistema público para amparar os enfermos e, principalmente, empenhar-se para a elaboração de políticas preventivas contra as epidemias, que tantos problemas causavam à sociedade.

A extensão da reforma do saber médico ao Brasil

As mudanças ocorridas na medicina europeia durante a segunda metade do século XVIII foram estendidas ao Brasil, sobretudo após o deslocamento da sede do poder imperial português para o Rio de Janeiro, quando vários médicos que acompanharam a família real cooperaram para iniciar a institucionalização do seu campo de conhecimento na Colônia. O primeiro passo decisivo para isso foi a criação da Escola Anatômica, Cirurgia e Médica de Salvador e a do Rio de Janeiro em 1808, posteriormente, em 1815, elevadas ao status de academia médico-cirúrgica e, entre 1828 e 1832, reestruturadas para serem transformadas nas duas primeiras faculdades de medicina do país.

Nelas, formou-se lentamente uma elite profissional que, ao longo do século XIX, se atribuiu a missão de, por meio de seu saber, contribuir para melhorar as condições de saúde da população. Com essa meta, que na verdade estava vinculada à sua defesa de interesses corporativos (sobretudo o de institucionalizar a medicina no Império), ela apresentou um conjunto de propostas de combate a algumas práticas sociais que, com o avanço dos estudos médicos, foram sendo consideradas insalubres.

Para formá-la, alguns profissionais experientes deram significativa colaboração, como José Maria Bomtempo (1774-1843). Esse médico, formado em 1798 na renovada Universidade de Coimbra, exercia em Angola o cargo de delegado do físico-mor do Reino, quando, no final de 1807, foi solicitado para atuar no Brasil, onde lecionou na Escola Anatômica, Cirurgia e Médica do Rio de Janeiro.

Autor de várias obras, como *Compêndios de matéria médica* destinada a “servir de lições da Cadeira de Matéria Médica” da mencionada instituição de ensino e a “instruir os cirurgiões do Exército e da Real Armada”, ele colaborou, por meio delas, com a divulgação das novas bases da medicina para os seus pares e, principalmente, para os seus alunos⁶¹. Para isso contou com o apoio da Imprensa Régia que,

⁶¹ BOMTEMPO, José Maria. *Compêndios de matéria médica*. Rio de Janeiro: Régia Oficina Tipográfica, 1815. p. V-VII.

além das centenas de leis, alvarás, decretos e cartas oficiais, publicou, de acordo com o catálogo organizado por Ana Maria de Almeida Camargo e Rubens Borba de Moraes, centenas de livros de vários ramos de conhecimento, sendo trinta de medicina, entre os quais os de dois expoentes do saber médico ocidental, *Indagações fisiológicas sobre a vida e a morte* (1812), de Xavier Bichat, e *Aforismos sobre hemorragias internas* (1813), de Thomaz Denman⁶².

Com o retorno da família real a Portugal, José Maria Bomtempo preferiu permanecer no Rio de Janeiro até o fim da sua vida. Nesse período, publicou pela Tipografia Nacional em 1825 *Trabalhos médicos*, um conjunto de textos sobre os mais diversos assuntos de saúde pública. Em um deles, considerando muitos dos médicos que trabalhavam na sociedade brasileira, criticou a persistência do “tempo no qual a ignorância fazia” na Europa “com que muitos fenômenos fossem atribuídos a causas extraordinárias, ou sobrenaturais”, apesar de “uma nova Aurora”, referindo-se à Ilustração, “com os seus luminosos e radiantes raios”, ter eliminado do universo do saber “tudo quanto era supersticioso e maravilhoso”⁶³.

Exemplo, conforme apurei, disso é o exame elaborado por Antônio Pedro de Souza e Manuel Quintão da Silva, no qual confirmaram a capacidade de uma rapariga, tida pelo povo como santa, de fazer curas milagrosas na capela de Nossa Senhora da Piedade da Serra, situada no município de Caeté, em Minas Gerais. Esse exame e, principalmente, a conclusão a que chegaram, por meio dele, os mencionados médicos, motivaram o seguinte comentário de um dos seus colegas de profissão, Antônio Gonçalves Gomides: “Canonizar os santos pertence exclusivamente à Igreja, e ao Filósofo compete descobrir e promulgar a verdade natural”⁶⁴.

Em outro daqueles textos, José Maria Bomtempo explicou a urgente necessidade de todos os agentes do saber médico contribuírem com o seu avanço, acreditando, de acordo com os ideais ilustrados em voga na segunda metade do século XVIII concernentes à função do conhecimento, que assim poderiam aumentar os seus recursos para enfrentar com maior eficácia os crescentes desafios impostos pelas más condições de saúde da população. Com esse objetivo, citou algumas passagens de textos de autores de tal época, como essa do Barão de Holbach:

⁶² Obra não consultada diretamente. *Impugnação analítica ao exame feito pelos clínicos Antonio Pedro de Souza e Manoel Quintão da Silva em uma rapariga que julgaram*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1814. Apud CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAIS, Rubens Borba. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edusp, 1993. p. XXI.

⁶³ BOMTEMPO, José Maria. Memória sobre algumas enfermidades do Rio de Janeiro. In: _____. *Trabalhos médicos*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1825. p. 2.

⁶⁴ Apud CAMARGO, Ana Maria; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo: Edusp, 1995. p. 137.

Cest por inertie et par le défaut de experience que la medicine, la phisique, l'agriculture, em um mot, tout sciences utiles font de progrès si plus sensible, et demeurant si long temp dans les entraves de l'autorité: ceux qui profissant ces sciences aiment mieux suivre routes qui leur sont tracés, qui de s'en frayer des nouvelles; ils preferent les delires de leur imagination et de leurs conjectures gratuite, à des experiences laborieuses, qui seules seraint capables d'arracher à la nature ses secrets⁶⁵.

Pouco tempo depois, as críticas e os apelos de José Maria Bomtempo começaram a surtir efeitos. Um conjunto de médicos, igualmente identificados com o pensamento científico e filosófico dos séculos XVII e XVIII, assumiu o desafio de combater os problemas de saúde que mais afetavam os habitantes do Império, elaborando propostas destinadas a orientarem o Estado e a sociedade sobre o que fazer para preveni-los, favorecendo a aproximação entre a medicina e o poder governamental, transformando tal saber em instrumento de intervenção na sociedade e de reorganização da cidade.

Para tanto, alguns deles criaram a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829, rebatizada como Academia Imperial de Medicina em 1835, quando foi incluída no quadro das instituições do país, para “promover a ilustração, progresso e propagação das ciências médicas” e “beneficiar a humanidade favorecendo e zelando pela conservação da saúde pública”⁶⁶. Na sessão inaugural dessa corporação acadêmica, José Martins da Cruz Jobim lembrou a todos os seus membros, como forma de motivá-los a atingir tal meta, de que “a saúde pública é o resultado de uma civilização avançada”, e por essa razão as suas condições precisavam ser melhoradas para, como a elite médica recorrentemente argumentou ao longo de todo o século XIX, a nação trilhar o seu caminho rumo ao progresso⁶⁷.

Instituição semelhante foi criada em Recife alguns anos depois, onde, com igual objetivo, “alguns médicos ávidos de instrução, animados pelo amor da ciência, desejosos de contribuir e promover o seu progresso, e tendo muito particularmente em vistas os benefícios que juntos podiam prestar ao país, se congregaram e estabeleceram a Sociedade

⁶⁵ BOMTEMPO, José Maria. Esboço de um sistema médico. In: _____. *Trabalhos Médicos*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1825. p. 122. “É por inércia e carência de experiência que a medicina, física, agricultura, em hum palavra, ciências úteis e fonte de progressos dos mais sensíveis, ficaram tanto temponos entraves da autoridade: pois aqueles que praticam essas ciências preferem seguir rotas já traçadas, a buscar novidades; eles preferem os delírios de sua imaginação e de suas conjecturas, às experiências cuidadosas, que somente são capazes de arrancar da natureza seus segredos.”

⁶⁶ Biblioteca da Associação Nacional de Medicina, Ata de fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, 28 maio 1829.

⁶⁷ JOBIM, José Martins da Cruz. *Discurso inaugural da sessão pública de instalação da sociedade de medicina do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia do Diário, 1830. p. 17.

de Medicina de Pernambuco”⁶⁸. Na primeira reunião dessa associação médica, o seu presidente, Antônio Peregrino Maciel Monteiro, no dia 4 de abril de 1841, após especificar que a finalidade dela era produzir “resultados felizes para Ciência e fins benéficos e vantajosos para o País e para a humanidade inteira!”, proferiu as seguintes palavras como forma de justificá-la:

Não é por meios das Associações que o talento proeminente auxiliado pelo concurso eficaz de outros talentos, e abrasado no amor da superioridade, luta com as dificuldades escabrosas e quase invencíveis, a fim de sacudir o véu que encobre os tesouros da natureza, e arrebatá-lhe os importantes segredos da criação? Não é no seio das Associações que o gênero transcendente e admirável vem receber a auréola gloriosa que lhe é destinada em galardão das suas perseverantes fadigas, e luminosas lucubrações?⁶⁹.

Com tais questões, procurou estimular os seus membros à busca de soluções que pudessem combater os “horrorosos estragos” que as doenças, quando atacam com grande intensidade, provocam na vida cotidiana, em especial nas atividades econômicas, dizendo-lhes: “Reparai, senhores, em toda a importância e extensão de vossa missão!”, pois, “não cabendo nas fadigas individuais e esforços separados o complemento de observações tão profundas, de experiências tão importantes, e de pesquisas tão delicadas, só pelo concurso dos trabalhos”, resultantes da união “de muitas inteligências, se podem alcançar resultados completos, incontestavelmente exatos, e revestidos de todo o respeito que a presunção das luzes e autoridade da experiência imprimem”. E dessa maneira “vós enriquecereis o tesouro da ciência, guiados pelos exemplos das outras Sociedades da mesma natureza em outros Países”, conquistando “a estima dos sábios, o respeito dos vossos concidadãos, e a gratidão da humanidade enferma, para cujo socorro achais aqui congregados”⁷⁰.

A partir de suas corporações científicas, a elite médica esperava colaborar com o avanço do seu saber e institucionalizá-lo no Brasil, de forma que, por meio dele, pudesse divulgar propostas destinadas à melhoria das péssimas condições de saúde no país. Para tanto, ela julgou necessário criar periódicos especializados no seu campo de conhecimento, com os quais poderia se dirigir ao conjunto da sua categoria profissional, ao Estado e às camadas instruídas da sociedade, pois:

Um jornal é o elemento de vida das associações científicas, é o canal por onde transmitem e propagam suas idéias, derramando a instrução pela

⁶⁸ *Anais da Medicina Pernambucana*, ano 1, n. 1, 1842, p. 1.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 10.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 15-16.

massa da população, e ao mesmo tempo é o mais poderoso incentivo, o estímulo mais forte para despertar os ânimos, e ativar o trabalho, enquanto que é por ele que a Sociedade mostrará ao público que emprega todos os meios de promover os progressos da ciência e de ser útil ao país⁷¹.

Afinal, como avaliaram a direção de outro periódico inaugurado duas décadas e meia depois:

Se a imprensa é o arauto do progresso entre os povos civilizados, é sobretudo a imprensa periódica a mais própria para realizá-lo, pelo comércio intelectual que estabelece entre pensadores, pela comunhão fraternal de idéias e conhecimentos com que os reúne como numa só família e, finalmente, pela elevação constante do nível científico de cada país e de cada inteligência à altura do desenvolvimento atual dos mais adiantados⁷².

Até a década de 1860, a imprensa dedicada exclusivamente a assuntos de saúde era composta por periódicos editados pelas sociedades médicas. Desse período em diante, surgiram vários jornais com a mesma dedicação, frutos da iniciativa particular de médicos que atuavam nas cidades onde estavam sediadas as duas faculdades de medicina do Império: Rio de Janeiro e Salvador.

Um deles, fundado em 1862 com o nome de *Gazeta Médica do Rio de Janeiro*, na sua edição inaugural foi justificado como meio de

preencher uma enorme lacuna que há longo tempo existia no Rio de Janeiro, onde o grau elevado de civilização a que ele tem atingido reclamava da corporação médica um jornal, que servisse para nele discutirem-se as importantes questões da ciência, publicarem-se as curiosas observações clínicas que constantemente aparecem e que se tornam desconhecidas aos médicos, que assim são privados de uma das mais ricas fontes de instrução que possuem, e finalmente que servisse para fazer constar nos países estrangeiros que no Brasil também trabalha-se, e que se não podemos rivalizar com as principais capitais da Europa, não vivemos contudo mergulhados em profundas trevas, lutando com a mais completa ignorância⁷³.

A mesma justificativa foi apresentada em outro deles, fundado em 1866 com o nome de *Gazeta Médica da Bahia*, cuja direção almejava

concentrar, quando for possível, os elementos ativos da classe médica, afim de que, mais unidos e fortificando-se mutuamente, concorram para aumentar-lhe os créditos e a consideração pública, difundir todos os conhecimentos que a observação própria ou alheia nos possa revelar, acompanhar o progresso da ciência nos países mais cultos, estudar as questões que mais particularmente interessam ao nosso país, e pugnar pela união, dignidade e independência de nossa profissão⁷⁴.

⁷¹ Ibid., p.7-8.

⁷² *Gazeta Médica da Bahia*, ano 2, n. 25, 15 jul. 1867, p. 1.

⁷³ *Gazeta Médica do Rio de Janeiro*, ano 1, n. 1, 1 jun. 1862, p. 3.

⁷⁴ *Gazeta Médica da Bahia*, ano 1, n. 1, 9 jul. 1866, p. 1.

Comparando as justificativas da criação dos periódicos anteriormente citados, pode-se perceber, portanto, que os médicos procuraram mostrar que o seu campo de conhecimento poderia servir como instrumento do progresso da civilização, à medida que, ao ser aprimorado, aumentasse os meios para combater as causas das más condições de saúde do país. Ao fazerem isso, valorizaram o papel da medicina, almejando também a expansão do seu próprio prestígio profissional e, conseqüentemente, a aplicação do seu saber nas mais diversas esferas da vida cotidiana, apresentando-se como porta-vozes dos interesses públicos, como exemplifica o discurso feito durante a sessão de aniversário da Academia Imperial de Medicina pelo seu presidente, Antônio Felix Martins:

Mais uma solenidade da ciência nos palácios da realeza! Mais um desses espetáculos magníficos, em que os turiferários da grandeza moral, entre as alegrias suaves de uma consciência pura, passam de mão em mão a taça da fraternidade, e libam em honra dos gêneros do bem, que, ou pairando em modestas posições, ou adejando sobre o fastio das mais prestigiosas, compreendem os misteres sociais, e se esforçam pela ventura da humanidade!⁷⁵.

Para isso, precisavam manter-se perseverantes na tarefa de aprimorar o seu campo de conhecimento, como tal presidente na mesma ocasião reiterou: “Eia! Meus caros companheiros. Continuai na vossa difícil, porém nobilíssima tarefa, de desenvolver e aperfeiçoar, tanto quanto possível, a medicina no vasto Império de Santa Cruz”, uma vez que, como explanou na conclusão do seu discurso:

O gigante dos trópicos, que reclinadamente se espreguiça, túrgido dos diamantes, que rolam em suas veias oceânicas, e pesado do ouro, que lhe constrói as entranhas, demanda muito mais do que essas preciosidades para receber as homenagens da terra: é certo que, ainda há pouco tomado de um furor santo, deu inequívocas provas de impavidez e galhardia; é necessário infundir-lhe no peito todos os sentimentos generosos, embeber-lhe a alma das aspirações mais sublimes, e comunicar-lhe com destreza, e sem exceção de um só, os impulsos eficientes do caminhar das nações, para que ele saiba e possa dispor da imensidade dos recursos de que já goza, na sustentação cabal de seu decoro e seus direitos, acompanhando na carreira da civilização os povos mais adiantados⁷⁶.

Pelo que se pode observar, a elite médica que atuou no Brasil do século XIX, seguindo a tendência ocidental em curso desde a segunda metade do século anterior, procurou se organizar para avançar o seu saber, como forma de colocá-lo à altura dos desafios impostos pelas doenças

⁷⁵ *Gazeta Médica do Rio de Janeiro*, ano 2, n. 20, 15 out. 1863, p. 411.

⁷⁶ *Ibid.*

à civilização e, conseqüentemente, aproximá-lo do Estado visando à ampliação da sua área de atuação profissional. Desse modo, buscava estruturá-lo e, assim, legitimá-lo como instrumento do progresso e, ao mesmo tempo, construir uma imagem que identificasse os seus agentes com determinados valores emanados da Ilustração, como a compaixão pelo próximo que desde o século XVIII estava sendo convertida pelos médicos em “um componente da sua autodefinição profissional”⁷⁷.

Afinal, como Denis Diderot questionou a respeito da função do conhecimento no artigo dedicado à anatomia inserido na *Enciclopédia*: “O que é a humanidade senão uma disposição habitual do coração a empregar nossas faculdades para proveito do genero humano?”⁷⁸

Fiel a esse ideal, a direção da *Gazeta Médica da Bahia* enalteceu, como forma de reforçar a imagem da sua classe, os médicos cuja dedicação ia além dos seus interesses materiais: “Honra àqueles que fazem da profissão um sacerdócio, e que, cidadãos do mundo, só reconhecem uma nação universal – a humanidade; e um partido apenas – o dos que sofrem”⁷⁹.

Assim, foram exortados a engrossarem as fileiras dos voluntários na Guerra do Paraguai, onde muitos combatentes feridos ou doentes estavam morrendo por falta de pessoal médico suficiente:

Hoje, não é só a voz da humanidade que chama a profissão médica brasileira à renovação desses mesmos sacrifícios e dedicação pelos nossos semelhantes, é também a voz da pátria que invoca o seu auxílio em favor daqueles que vertem por ela o seu sangue no campo da honra, e expõem as vidas, em região inóspita, aos perigos e calamidades da guerra⁸⁰.

Isso porque, conforme a direção do periódico médico baiano acima mencionado justificou com o objetivo de convencer a outros tantos tomarem a mesma “nobre decisão” em tão difícil momento para a nação:

É sempre nas maiores crises porque passa a humanidade, é nos dias de provação e de angústia para as populações aflitas sob o peso das calamidades que as oprimem, ora sob a forma de pestilências, ora como resultados inevitáveis das lutas nos campos de batalha, que se manifestam os mais brilhantes exemplos de dedicação da classe médica⁸¹.

Essa vinculação do exercício da medicina ao sentimento de amor ao próximo, presente no discurso médico em todo o Ocidente a partir

⁷⁷ LAQUEUR, Thomas W. *Corpos, detalhes e narrativas humanitárias*. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 250.

⁷⁸ *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et métiers*. Tome I, 2. ed., Lucques, ChezVicent Giuntini, 1758, p. 346.

⁷⁹ *Gazeta Médica da Bahia*, ano 1, n. 2, 25 jul. 1866, p. 13.

⁸⁰ *Ibid.*

⁸¹ *Ibid.*

da Ilustração, é um elemento importante para compreensão da missão que a elite médica se atribuiu de enfrentar as más condições de saúde na sociedade brasileira oitocentista, à medida que os estragos provocados pelas enfermidades, principalmente as que se manifestavam de forma epidêmica, estavam sendo cada vez mais percebidas como catástrofes humanitárias. Atribuição essa que lhes serviu como plataforma política para edificarem o seu saber e conferir a ele maior poder de intervenção na cidade e nos costumes dos seus habitantes.

A esse respeito J. de Faria, na aula inaugural da disciplina dedicada à terapêutica por ele ministrada na Faculdade de Medicina da Bahia, disse a seus alunos: “A nossa missão” destinada a “um fim santo, nobre e humanitário”, é “aliviar o infeliz enfermo das angústias da dor”, o que só poderia ser bem cumprido com o “labor incessante dos operários da ciência em favor da humanidade”⁸².

Dessa forma, eles poderiam colaborar com o esforço de superação do precário quadro sanitário nacional vigente no país desde a época colonial, e para isso precisavam ter em mente as seguintes palavras daquele professor:

Vós, que formais essa geração médica nascente, que amanhã terá de substituir-nos, e a quem caberá a gloriosa tarefa de consolidar a grande empresa que apenas hoje ensaiamos, vós a quem não falece nem inteligência, nem coragem, não olvideis nem um instante que, apenas despedidos dos bancos escolares, vos aguarda lá fora a sociedade que confia e crê em vossa habilitação para o sacerdócio da ciência, para entregar aos vossos cuidados o que ela tem de mais precioso – a saúde – a vida e a honra do cidadão e da família; a sociedade, juiz austero e inexorável que, ou vos condenará ao esquecimento e à morte moral se houverdes mentido à vossa missão, ou vos proclamará anjos da salvação inscrevendo vossos nomes no honroso catálogo dos homens ilustres e beneméritos da humanidade se, como eu espero, vos mostrardes dignos e dedicados filhos desta nobre ciência tão sublime pela abnegação e pelo sacrifício⁸³.

Em todas essas passagens dos textos citados anteriormente pode-se perceber certa idealização da medicina, isto é, a sua transformação em um instrumento para se atingir uma das mais altas aspirações sociais, a essencial vitória contra as doenças para melhorar a condição humana e favorecer o seu progresso e, por extensão, o da civilização, o que fez parte da estratégia dos seus autores para construção da legitimidade do saber médico como meio de intervenção em assuntos da vida social relacionados com a saúde pública.

Enfim, as transformações ocorridas no saber médico, desde a Revolução Científica, permitem explicar que a missão assumida

⁸² Ibid., ano 1, n. 22, 25 maio 1867, p. 254.

⁸³ Ibid., p. 255.

pela elite médica que atuou no Brasil ao longo século XIX, seguindo o exemplo dos seus pares ocidentais, a de contribuir para melhorar as condições sanitárias da sociedade, foi resultado de um processo histórico que tornou a saúde um dos principais bens da humanidade e uma das condições de seu progresso social e econômico. Em outras palavras, a elite médica, ecoando o ideário reformista, o de tornar o conhecimento um instrumento de aperfeiçoamento do gênero humano, construído entre a geração de Bacon e a dos enciclopedistas, procurou colocar a medicina no país ao alcance dos desafios que a saúde pública enfrentava, em uma época em que as epidemias provocavam (diante da maior interdependência entre os indivíduos e os entre os povos –dada a maior integração econômica impulsionada pelo capitalismo) cada vez mais estragos em uma população em franco crescimento.

Recebido em: 26 de março de 2015.

Aprovado em: 29 de junho de 2015.